



O HOMEM ENVELOPADO E O HOMEM ENCADERNADO: METÁFORAS DO ARQUIVO[√]



RESUMO

Ao longo de sua vida, o escritor mineiro Fernando Sabino foi o responsável por realizar um conjunto de ações caracterizadas, principalmente, por se dirigirem a amigos já falecidos, como Mário de Andrade (1945), Otto Lara Resende (1992), Paulo Mendes Campos (1991), Hélio Pellegrino (1988) e Clarice Lispector (1977). Ao tomar para si o encargo de organizar e publicar as cartas trocadas com os amigos, referentes aos volumes **Cartas perto do coração** (cuja primeira edição data de 2001), **Cartas na mesa** (2002), **Cartas a um jovem escritor e suas respostas** (2003), Sabino assume o papel de arconte e, regido pelo princípio de reunião, entrelaça os tecidos da vida e do tempo, "envelopando" e "encadernando" a si e aos seus amigos. Dessa forma, a presente explanação se deterá na formação das metáforas **homem envelopado** e **homem encadernado** (Fernando Sabino), originadas do procedimento (des)arquivador de Sabino em relação às cartas. Para tanto, através de uma metodologia bibliográfica, valer-se-á de algumas considerações de Jacques Derrida em **Mal de arquivo: uma impressão Freudiana** (2001), Maria Helena Werneck em **O homem encadernado** (1992) e Eneida Maria de Souza, em **Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica** (2011). Os apontamentos críticos elencados auxiliarão no sentido de entender que a concepção de metáforas nasce da consciência de que o arquivo é tanto uma metáfora da memória quanto produtor de outras metáforas que o compõem.

Palavras-chave: Crítica. Arquivo. Reunião. Amizade. Fernando Sabino.

[√] Artigo recebido em 15 de abril de 2017 e aprovado em 12 de junho de 2017.

* Doutor em Literatura e Vida Social pela UNESP (*Campus Assis*). Professor de Literatura Brasileira na graduação e no PPG-Letras, Mestrado e Doutorado (UFMS, *campus Três Lagoas*). E-mail: <ricardoufms1@gmail.com>

** Mestre em Estudos de Linguagens e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: <lucia_jbc@hotmail.com>

1 ARQUIVO E METÁFORA

Encadernar, ligar as folhas novamente é um ato de amor.

DERRIDA, 2001, p. 34.

Em **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana (2001), o filósofo Jacques Derrida narra o interessante episódio em que o pai de Freud, Jakob Freud, entrega a seu filho a bíblia Philippsohn da família, suporte em que outrora o **pai da psicanálise** estudara. Munido de uma nova encadernação de couro o volume é portador de uma mensagem amorosa, a transmissão do amor e da sabedoria paternal.

Sob a perspectiva Derridiana, 110 anos após a sua ocorrência, o gesto de Jakob Freud, o de reencadernar o estimado volume bíblico, é apontado como essencialmente arcôntico, movimento sem o qual relevante parte do arquivo freudiano não existiria e, portanto, a transmissão dos pensamentos do pai para o filho seria inviabilizada.

Outro salto temporal, feito a partir da leitura de Jacques Derrida e situado em 2017 (16 anos após **Mal de arquivo**), ainda que reitere a conotação amorosa do ato de **ligar e encadernar folhas** (DERRIDA), emerge quando tal procedimento adquire traços próprios ao modificar o sujeito e deslocar o destino da ação.

Durante parte de sua vida, o escritor mineiro Fernando Sabino foi encarregado de realizar uma gama de ações dotadas de peculiaridades e dirigidas a conhecidos já falecidos. Tais ações consistiram em, retomando o enxerto Derridiano, **encadernar e ligar as folhas** (DERRIDA) das correspondências trocadas ao longo de anos e em meio a diversos momentos históricos.

Nesse sentido, o autor de **O encontro marcado** (1956) é aquele que, enquanto arconte, efetua trabalho arqueológico ao lidar com cartas escritas outrora e marcadas pelo tempo: “Neste caso, ler é trabalhar nas escavações geológicas ou arqueológicas sobre suportes ou sob superfícies de peles, novas ou velhas [...]” (DERRIDA, 2001, p. 35). Munido com as correspondências, Sabino propicia uma forma de estabelecer contato com outro eu de si e com os amigos com os quais já não pode mais dialogar pessoalmente.

Sua memória, em termos epistolares, é (re)construída na medida em que reúne as cartas em forma de livros para serem lidas por desconhecidos. Reunir e

publicar as cartas escritas em diálogo com amigos e entes queridos é tanto uma forma de proteger e, ao mesmo tempo, desafiar as memórias quanto um processo interligado ao **Mal de arquivo** Derridiano, pois, simultaneamente, implica desarquivar as memórias guardadas e arquivá-las quando as destina à posteridade.

O primeiro volume de cartas abrange o início de sua educação sentimental (para aludir à obra de Gustave Flaubert, pelo qual o autor mineiro nutria a mais **rasgada** admiração) e diz respeito ao livro **Cartas a um jovem escritor** (1981), com as missivas de Mário de Andrade para o jovem Sabino durante o período de três anos (1942 - 1945). Posteriormente, em 2003, o volume é novamente lançado, mas agora com a adição das cartas de Fernando Sabino e com o título modificado, **Cartas e um jovem escritor e suas repostas**.

Em 2001, Sabino publica **Cartas perto do coração**, volume contendo suas cartas e as da amiga Clarice Lispector, trinta e quatro anos após a morte da escritora, correspondência esta que cobre o período de 1946 a 1969. Por último, o escritor mineiro encerra o ciclo de homenagens com a publicação de **Carta na mesa**, volume dotado de valor emblemático por conter as cartas que enviara para os amigos mineiros Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, os autointitulados **Quatro cavaleiros de um íntimo apocalipse**.

Ao tomar para si o encargo de organizar e publicar as cartas trocadas com os amigos, Fernando Sabino assume o papel de arconte e, regido pelo princípio de união, entrelaça os tecidos da vida e do tempo **envelopando** e, em um processo que se desenvolveu ao longo de anos, **encadernando** a si e aos seus amigos. Entender tais metáforas como provenientes do gesto (des)arquivador de Sabino e, também, como formadoras de novos arquivos é essencial para a compreensão da ideia de que o fazer biográfico é construído a partir de uma linguagem metafórica (SOUZA, 2011) e, portanto, possui natureza ficcional.

Dessa forma, a discussão proposta pelo texto se deterá na formação das metáforas **homem envelopado** e **homem encadernado** em três livros de correspondências: **Cartas na mesa**, **Cartas perto do coração** e **Cartas a um jovem escritor e suas repostas**.

2 AS METÁFORAS NASCEM DO ENCONTRO ENTRE DOIS HOMENS, O MISSIVISTA E O ENCADERNADOR

Se a aranha faz a teia o homem tece a
biografia.
Pessanha

O surgimento do **homem envelopado** e do **homem encadernado** obedece ao princípio da ordem cronológica. Para que o segundo exista é necessário o primeiro, fato inegociável ao considerar que o nascimento do **homem encadernado** se paga com a exposição / publicação do **homem envelopado**. Lançado por si no mercado editorial e nas mãos dos leitores interessados em cartas de escritores, Sabino articula sua permanência e sobrevivência, bem como a de seus amigos e mestre, em termos de memória.

A busca da memória recebe tratamento alegórico (carta) e narrativo (conteúdo). Na tentativa de contemplá-la é que Sabino (re)mexe o arquivo ao mesmo tempo em que se depara com a inevitável lacuna, o esquecimento. (Re)mexer no arquivo é atitude que envolve certo esforço arqueológico, dado que “Os arquivos são os territórios inexplorados para onde se parte em busca de papéis amarelos e carcomidos pelo tempo [...]” (WERNECK, 1996, p. 156).

Na procura por narrar a memória, o escritor mineiro traça três projetos que visam retomar, pela escrita, o convívio com amigos. Nesse seguimento, é significativo e emblemático o trecho final do prefácio de **Cartas a um jovem escritor e suas respostas** (2003): “Mas a verdade é que o nome dele é hoje o de uma rua do Rio, no Jardim Botânico, ali no Largo dos Leões – e ainda há pouco uma jovem amiga que sabe as coisas me disse que não sabe quem foi Mário de Andrade” (SABINO, 2003, p. 11).

A lembrança, pela narração, e o esquecimento, pela falta da primeira, são ambas partes de um mesmo processo e indissociáveis um do outro. Na verdade, o receio do esquecimento, traduzido da melhor forma pela final do prefácio de **Cartas a um jovem escritor**, é o que faz com que Sabino enverede pelos **papéis calejados pelo tempo** (WERNECK, 1996) e (in/e)voque Mário de Andrade.

Ao perceber, verbalizado pela boca da amiga mencionada, que aquele que fora seu grande mestre não fora reconhecido, o mineiro se vale dessa situação, ainda que simbolicamente, para retomar as cartas trocadas com Andrade, com o

intuito de que, pelo menos pelo tempo empregado na leitura das cartas, o Andrade-rua se transfigure novamente no Andrade-mestre.

A memória e, por extensão, o arquivo, abrigam tanto a presença quanto a ausência, os amigos, portanto, estão presentes em suas ausências na roda da amizade encabeçada por Fernando Sabino. Pelo fato de serem inseparáveis, presença, ausência, memória e esquecimento, o arconte quer converter, pela moeda da intencionalidade, sua busca apaixonada em seu próprio fomento, o que indica uma outra noção de **Mal de arquivo**, como bem pontua Derrida:

Estar com *mal de arquivo* pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome “mal” poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde (DERRIDA, 2001, p. 118).

Quando pensava estar enredando os outros, seus correspondentes, ao publicar os livros, Fernando Sabino, na verdade, contribuía para a tessitura do fazer biográfico ao fornecer material para o nascimento das metáforas. Em uma espécie de **working in progress**, Sabino (des)arquiva as cartas, mas em seu ato de divulgação acaba por **encadernar** / arquivar os documentos para estudos posteriores, isto é, “O arquivista produz arquivo, e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro” (DERRIDA, 2001, p. 88).

À vista disso, o fazer biográfico dá à luz as metáforas e delas depende para sua existência, em outras palavras, “Metaforizar o real significa considerar tanto os fatos quanto as ações praticadas pela pessoa biografada como possibilidade de inserção na esfera ficcional” (SOUZA, 2011, p. 54).

As metáforas **homem envelopado** e **homem encadernado** constituem o fazer biográfico no sentido de tornarem as cartas seus respectivos espaços de emersão, onde, com eficácia, são atores no processo de **reencenar** o que já fora, em um outro tempo e época, vivido e experimentado; dito de outra forma, o fazer biográfico “[...] pretende explicar o que foi uma vida representando-a” (WERNECK, 1996, p. 25).

Se valer da experiência em depositar seu **corpo** no envelope, procedimento comum na época em que escrever cartas era um dos meios de comunicação mais utilizados para, anos após, reunir tais escritos implica, para Sabino e seus amigos, a

criação, por parte do leitor e do crítico, de narrativas que primam pela ficcionalização, afinal “Ficcionalizar os dados significa considerá-los como metáforas, ordená-los de modo narrativo, sem que haja qualquer desvio em relação à “verdade” factual” (SOUZA, 2011, p. 11).

Como aquele que sobreviveu o escritor acaba por desempenhar papel ativo e cuidadoso em todo o processo de confecção do livro, desde o ato inicial de reunir as cartas até o lançamento dos volumes. Seu trabalho acurado é exemplificado também pelo fato de que, nos três livros, foi Fernando Sabino quem escreveu os prefácios.

Apesar de pertencerem a diferentes publicações, os três prefácios, lidos em conjunto e em ordem temporal, ajudam a construir a narrativa de formação do homem e das metáforas. Iniciados em diferentes momentos e de formas díspares entre si, os prefácios fornecem o vislumbre da trajetória. Em **Cartas a um jovem escritor e suas respostas**, volume que marca o início da vida epistolar do jovem, Sabino inicia o texto relatando, com inegável tom de admiração, o nascimento da relação com Mário de Andrade.

De acordo com o autor, o começo da troca de cartas é descrito a partir do momento em que percebe a inscrição do famoso endereço (Rua Lopes Chaves, número 546, São Paulo) no corpo do envelope: “Mãos pressurosas em rasgar avidamente o envelope, na excitação dos meus 18 anos, tão logo dei com o nome do remetente e o famoso endereço” (SABINO, 2003, p. 07).

Conforme a relação epistolar avançava, desenrolava-se o processo de aprendizagem do jovem escritor com o experiente intelectual. Nesse espaço de aprendizagem, os assuntos discutidos eram os mais variados. Sendo o mais recorrente a preocupação de Mário de Andrade no que concernia às pessoas com quem o outro convivia e a formação intelectual e crítica do autor mineiro.

Em dado momento de uma carta datada de 03 de dezembro de 1944, Mário de Andrade conclama Fernando Sabino a retomar velhas amizades, as quais o autor de Macunaíma julgava que o mineiro estava abandonando devido as **más influências** que prejudicavam seu desenvolvimento artístico: “Você está escolhendo amigos que são más companhias pro artista Fernando Sabino. Você está abandonando os seus amigos de Minas, abandonando em gravidade, readquirindo em gratuidade, em camaradagem, o seu grupinho, o Hélio (nem tanto), o Oto, o

Paulo, que são os únicos amigos que podem salvar você” (ANDRADE, 1981, p. 133).

O que Andrade não sabia, até por uma questão temporal, era que sua advertência seria lida em outro tempo e deslocada do sentido empregado inicialmente. Após a publicação de **Cartas na mesa** o trecho da carta de Mário, corrompido e lido em seu reverso, assume ar profético ao constatar que foi Sabino quem **salvou** Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, afinal ao **encadernar** as cartas escritas e destinadas para os amigos, o escritor e a editora Record protegem a memória alheia em capa de brochura.

Já os prefácios de **Cartas perto do coração** e **Cartas na mesa**, por serem textos escritos sobre amigos de longa data, perdem o tom de reverência discipular e ganham, ao rememorar momentos de tom jocoso, gracejos, conflitos pessoais e de ordem literária, comentários acerca dos momentos políticos-culturais pelos quais o Brasil passava e a consciência de que, apesar das diferenças, os mistérios da criação literária eram o ponto em comum que os unia. No prefácio das cartas trocadas com Clarice, Sabino elucida melhor a questão:

Trocávamos ideia sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade. Era mais do que a paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens ‘perto do coração selvagem da vida’: o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores (SABINO, 2011, p. 08).

Dotado de tom ainda mais irreverente em comparação a **Cartas perto do coração**, em que, apesar da existência de conflitos imperava uma relação mais calma, o prefácio de **Cartas na mesa** demonstra, desde já, a especial atenção que Fernando Sabino dirigiu à preparação do volume. Ao final do texto, o escritor lembra:

Deu trabalho a revisão dessas cartas, já meio esfrangalhadas de tão antigas. Trabalho insano, tão somente justificado pela insanidade do remetente (e por extensão dos destinatários). Haja vista o tom descontraído do texto em geral, com as suas incorreções, distrações, distorções, repetições, contradições, alguns palavrões e outros senões. Ainda assim (ou por isso mesmo), é possível que o conteúdo da minha correspondência a eles dirigida ao longo de tantos anos dê pelo menos uma pálida ideia de como a relação que nos unia foi fundamental para cada um de nós (SABINO, 2002, p. 13).

Em seguida, Sabino completa sua declaração com uma interessante assertiva, segundo a qual: “Posso afirmar que, se eu não tivesse conseguido fazer mais nada na vida, esta amizade tão intensa, duradoura e valiosa já teria sido o melhor que eu poderia desejar” (SABINO, 2002, p. 13). O desejo de tornar a amizade com três amigos de longa data uma espécie de produção que avança a ficção literária é, por si só, uma atitude ficcional permeada pelo desejo da sobrevivência. Ou seja, de acordo com a afirmação de Sabino, a amizade teria a possibilidade de substituir a literatura por ser tomada, em si, como gesto ficcional.

O responsável pela assertiva mencionada não é quem, a princípio, poderia ser apontado como o mais óbvio. Quem escreve e age nos três prefácios não é o **homem envelopado**, apesar de que os textos são escritos ao passo que as lembranças e memórias são ecoadas. Sua presença é sinalizada de forma mais premente em seguida, quando as cartas começam.

A autoria é do **homem encadernado**, que age em sua astúcia para a sobrevivência da memória e, valendo-se do fato de que nenhum dos amigos com os quais trocara cartas está vivo, (re)cria narrativas diferentes daquelas contidas nas cartas antes de publicadas, e cabe ao crítico se enveredar e desvendar tais histórias.

O que contam e o que nos mostram tais narrativas? E no que divergem em relação às correspondências escritas e prontamente encerradas nos envelopes da época? Inicialmente contam a história de espera, atitude própria de quem levou certo tempo até decidir pela publicação de correspondências.

Outra história diz respeito ao que não é revelado pela letra, visto que a transcende. Espalhado pelos **corpos** das edições em brochura reside o gesto do editor, função que Fernando já desempenhara ao longo da vida na Editora Sabiá que, ressuscitada, reinseriu-se no tumultuado mercado editorial brasileiro ao reconhecer o interesse dos leitores nas cartas de escritores.

Se o **homem envelopado** viajou através das cartas escritas pelo punho do escritor mineiro e, protegido pelo envelope, teve destino confiado à regência dos Correios (instituição própria para cuidar do burocrático trâmite epistolar), o **homem encadernado** empreende viagem mais elaborada, posto que, encarcerado na brochura, encontra seu destino nos leitores que manuseiam os livros.

A semelhança com a aranha que tece sua teia, uma terceira metáfora que

interliga as outras duas, o mineiro foi entrelaçando as narrativas epistolares. Entre o envelope e a encadernação a aranha-homem Sabino vai urdindo as tramas das memórias. A convivência entre os dois homens-metáforas, ainda que se tratasse da mesma pessoa, não foi pacífica, afinal encontram-se situados em **lugares** diferentes, o **homem envelopado** está nas cartas, enquanto o **homem encadernado** está presente nos prefácios dos três volumes. Nesse sentido, a teia é também o espaço do embate, não somente da captura.

A tensão é melhor traduzida sob a forma de dúvida acerca da publicação ou não das cartas, em especial aquelas trocadas com Mário de Andrade e com os amigos mineiros. Sua preocupação aparece em trecho da carta escrita no Rio de Janeiro, em 28 de julho de 1969, para o amigo e escritor Otto Lara Resende. Na carta, Sabino fornece indícios de que começa a flertar com a possibilidade de publicar as correspondências:

Não sei, era preciso ler as cartas com calma, ver se vale a pena. Tenho as minhas, as suas, as dos demais amigos, como o Iglésias, e até hoje não cheguei à conclusão sobre se vale ou não vale a pena publicar. Um caso desses a gente não pode decidir assim sem mais nem menos. Se houvesse jeito de ter uma cópia (cópia, não original) das cartas sem compromisso, com um prazo de dois meses de opção, então seria mais fácil decidir. Pergunte ao Arnaldo Saraiva se isso seria possível. A verdade é que me interessei pelo assunto, e de tal maneira que até confiaria em você para uma solução: você leu? Todas? Acha que dá um livro? Livro interessante? Vendável? Mário continua por baixo para o público. Pois então opine já com olho de editor (que você sê-lo-á quando voltar) e mande dizer, se não puder mandar o próprio livro (SABINO, 2002, p. 290).

O espaço temporal da escrita da carta, 1969, até a publicação do primeiro volume de correspondências, **Cartas a um jovem escritor**, ocorrido em 1981, é o de 12 anos. Trata-se de um período que é mais bem pensado como uma longa gestação. Ao fim do tempo a **criança** nascida dessa espera é o **homem encadernado**.

Tão longa foi a gestação e quanto tempo foi necessário até a dúvida acerca da publicação ser resolvida. O período de maturação foi o suficiente para que a “criança” nascesse já como homem, em termos filiais e metafóricos pode-se dizer que o envelope e a carta nele contida, personificados pelo **homem envelopado**, deram à luz o livro, isto é, ao **homem encadernado**.

A espera tem os seus deméritos, mas também possui seus benefícios para

aqueles que sabem (a)guardar e diz respeito a retomada, em certa medida, do convívio com os amigos. Ao atender ao chamado da memória, Sabino e todos aqueles que lidam com a prática arquivística assumem que “[...] a incompletude é um desafio a ser enfrentado tanto por biógrafos, quanto por historiadores, de alguma forma, subjugados pelo *tempo*” (WERNECK, 1996, p. 185) e, estendendo a fala de Werneck, subjugados pelo **Mal de arquivo** que os impelem à procura fadada à incompletude.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arquivamento tanto produz quanto
registra o evento.
Derrida

Quando incorporadas ao rol de produções de Fernando Sabino, as cartas realçam a trajetória do escritor e revelam pensamentos, ideias e ações do cotidiano (nesse sentido, pode-se considerar um toque do Sabino cronista). Entretanto tal fato ocorre somente quando da publicação das cartas escritas na intimidade e destinadas, em um primeiro momento, a um destinatário.

Quando publicadas em outro suporte, o livro, as correspondências são induzidas a repetir ato outrora realizado, o da viagem. Retiradas das gavetas ou demais lugares em que foram depositadas, as cartas **removem** um pouco do pó acumulado pelo tempo e, lidas em tempos diferentes daqueles em que foram escritas, evocam acontecimentos e cenas ocorridas no passado, fazendo emergir as memórias do remetente e do destinatário.

Auxiliam no processo de deslocamento temporal as já mencionadas metáforas, **homem envelopado** e **homem encadernado**, que agem diferente de acordo com a ideia geral de cada volume. Ambas as metáforas presentes em **Cartas a um jovem escritor e suas respostas** são concebidas de modos diversos, por exemplo, das metáforas de **Cartas na mesa**, isto porque estão em jogo outros personagens dessa intrincada narrativa, os amigos de toda uma vida, enquanto que, no primeiro caso mencionado, evidencia-se a relação mestre e discípulo.

Em comum entre Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Hélio Pellegrino, Clarice Lispector e Mário de Andrade (além da admiração que uns tinham pelos outros) existe a relação com Fernando Sabino, responsável pela reunião dos

amigos em um espaço situado no plano da ficção, já que é somente nesse plano que a (re)união com os amigos torna-se possível, e tais encontros, promulgados pela amizade e pelas letras, bebem na fonte metafórica para a sua realização.

THE ENVELOPED MAN AND THE BOUND MAN: METAPHORS OF THE FILE

ABSTRACT

Throughout his life the writer Fernando Sabino was responsible for carrying out a set of specific actions and characterized, mainly, to address already deceased friends like Mário de Andrade (1945), Otto Lara Resende (1992), Paulo Mendes Campos (1991), Hélio Pellegrino (1988) and Clarice Lispector (1977). By taking upon himself the task of organizing and publishing the letters exchanged with his friends, which relate to the volumes **Letters close to the heart** (whose first edition dates from 2001), **Letters to the Table** (2002), **Letters to a Young Writer and His Answers** (2003), Sabino takes on the role of archon and, governed by the principle of reunion, interweaves the fabrics of life and time by "enveloping" and "binding" himself and his friends. Thus, the present explanation will stop in the formation of the metaphors **envelopado man** and **bound man** (Fernando Sabino) born from the procedure (des) filing of Sabino in relation to the letters. To do so, through a bibliographical methodology, it will use some considerations of Jacques Derrida in **Archival Evil: a Freudian impression** (2001), Maria Helena Werneck in **The bound man** (1992) and Eneida Maria de Souza in **Prison windows: essays on biographical criticism** (2011). The critical notes listed will help in the understanding that the conception (and conceptualization) of metaphors is born from the awareness that the archive is both a metaphor for memory and a producer of other metaphors that compose it.

Keywords: Crítica. Archive. Reunion. Friendship. Fernando Sabino.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Cartas a um jovem escritor**: de Mário de Andrade a Fernando Sabino. Rio de Janeiro: Record, 1981.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas perto do coração**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SABINO, Fernando; ANDRADE, Mário de. **Cartas a um jovem escritor e suas respostas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Eneida Maria de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PELLEGRINO, Hélio et al. **Cartas na mesa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WERNECK, Maria H. **O homem encadernado**: Machado de Assis na escrita de biografias. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.